

Negociação de títulos para no exterior

São Paulo — O mercado secundário internacional de títulos da dívida externa do Brasil (onde instituições credoras compram e vendem direitos sobre créditos com o País) ficou praticamente sem negócios, ontem, em razão do início oficial das negociações da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, com os banqueiros internacionais, em Washington. O mercado internacional ainda chegou a apresentar compradores para os títulos da dívida externa brasileira, que aceitavam pagar até 0,26 dólar por cada dólar, mas nenhum dos principais bancos credores aceitou vender papéis de sua carteira.

Os credores avaliam que o acordo de renegociação da dívida externa do Brasil vai trazer de volta a possibilidade de operações de conversão, o que tornará este papel mais atraente para todos. "Enquanto não houver o acordo de fato, as coisas ficam meio suspensas", afirma o vice-presidente do Nederlandsche Middenstandsbank (NMB Bank), Jordi Wiegerinck. O fato é que o Governo já avisou que vai permitir operações de conversão de dívida externa em investimento, mas não nos mesmos moldes adotados em 1988 (através de leilões). Este tipo de conversão foi suspenso por implicar forte aumento da base monetária, pela emissão de moeda na economia.

SEM EMISSÃO

Desta vez, a conversão será feita de forma que não haja emissão de moeda adicional (na forma anterior, para cada dólar de dívida convertida, o Banco Central emitia um cruzado equivalente na economia, pressionando a quantidade de moeda em circulação, o que dificultava o controle da inflação). "Nós mesmos estamos fazendo operações que não implicuem mais emissão de moeda", lembra Wiegerinck. São várias operações sofisticadas, que não implicam expansão da base monetária. Os bancos, de um modo geral, continuam a montar projetos de investimentos via conversão, mesmo sem ter havido ainda um acordo formal do Governo brasileiro com os credores internacionais. "É que há vários motivos para que os investidores internacionais vejam com bons olhos o mercado brasileiro", afirma Igor Cornelsen, representante no Brasil do Chartered West Bank.

Os setores onde os projetos vêm sendo trabalhados são o siderúrgico, matérias-primas e bens de capital. "Tratam-se de empresas que estão em uma situação ruim, mas que podem muito bem tornarem-se lucrativas dependendo do cenário futuro da economia brasileira", analisa Wiegerinck. E se o investimento for realizado pela utilização de processos de conversão, que comportam um desconto sobre cada dólar injetado no País, as vantagens tornam-se realmente atraentes.